

Nº 22, nov/99, p.1-4



A SIGATOKA-NEGRA NO ESTADO DO ACRE

Maria de Jesus Barbosa Cavalcante¹
Tarcísio Marcos de Souza Gondim²

O Estado do Acre possui uma área plantada de aproximadamente 7.500 ha de banana, sendo o principal produto agrícola. A preferência dos agricultores pelo produto deve-se à facilidade de cultivo, baixo custo de implantação e colheita ao longo do ano. Entretanto, os problemas fitossanitários constituem a maior ameaça para a cultura, considerando-se que as cultivares Prata, Maçã e Comprida são as mais utilizadas e suscetíveis à sigatoka-negra, considerada a mais grave doença da cultura, podendo causar perdas de até 100% da produção (Figs. 1 e 2) (Cordeiro et al., 1998b).

Esta doença foi descrita pela primeira vez nas Ilhas Fiji, em 1963, com o nome de estria negra ("Black Leaf Streak"). Em 1972, provocou a primeira epidemia em Honduras, destacando-se pela sua maior agressividade em relação à sigatoka-amarela (*Mycosphaerella musicola*). Em 1979 chegou à Costa Rica (Cordeiro, 1997b; Pereira et al., 1999).

Atualmente, está disseminada por toda América Central e em algumas regiões da África, Ásia e América do Sul. A doença já foi constatada na Colômbia, Venezuela, Equador e recentemente no Brasil, nos municípios de Tabatinga e Benjamin Constant (AM) (Cordeiro et al., 1998a), e no Acre em Rio Branco, Acrelândia, Senador Guiomard, Plácido de Castro, Tarauacá, Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves e Mâncio Lima (Cavalcante et al., 1999).

Agente causal

A sigatoka-negra é causada pelo fungo *Mycosphaerella fijiensis*, Morelet, forma perfeita de *Paracercospora fijiensis*.

¹ Eng.-Agr., M.Sc., Embrapa Acre, Caixa Postal 392, 69908-970, Rio Branco-Acre.



FIG. 1. Plantio de bananeira no município de Acrelândia - AC, atacado pela sigatoka-negra.



FIG. 2. Planta com ataque severo da doença, Acrelândia - AC, 1999.

Sintomatologia

O sintoma inicial da infecção é uma leve descoloração em forma de ponto entre as nervuras secundárias da segunda a quarta folha, a partir da vela. Essa descoloração aumenta, formando uma estria de tonalidade escura (Fig. 3). Observam-se lesões negras na face superior da folha, contrastando com as de cor marrom na face inferior (Fig. 4). Os sintomas são caracterizados em seis estádios de desenvolvimento (Tabela 1).

Em estádios avançados da doença, principalmente em casos de ataques severos, as lesões coalescem e, conseqüentemente, uma grande área foliar é comprometida, resultando na morte prematura das folhas (Fig. 2). Em decorrência disso, há uma redução no crescimento e produção das plantas, além da maturação precoce dos frutos, comprometendo a sua qualidade (Pereira et al., 1999).

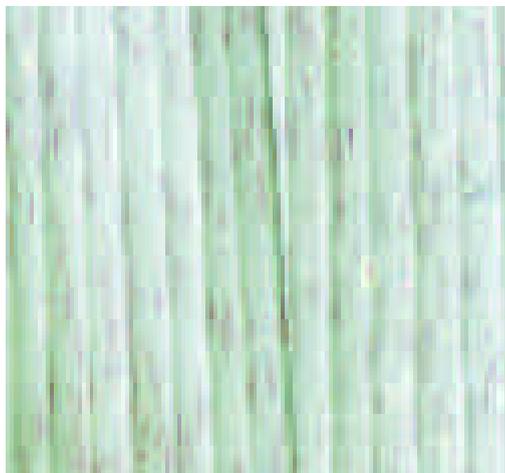


FIG. 3. Sintomas iniciais da sigatoka-negra.



FIG. 4. Folha de bananeira com sintoma característico da sigatoka-negra.

TABELA 1. Descrição dos sintomas da sigatoka-negra, em relação ao estágio de desenvolvimento.

Estádio	Discriminação dos sintomas
1	Pequena descoloração ou despigmentação, só observada na face inferior da folha. Inclui uma pequena estria de cor café dentro da área descolorida. Não é visível através da luz;
2	Pequena estria de cor café, visível nas faces superior e inferior da folha;
3	A estria aumenta em diâmetro e comprimento, mantendo-se de cor café;
4	A estria muda da cor café para preto, sendo considerada como mancha;
5	A mancha negra está rodeada por um halo amarelo;
6	A mancha novamente muda de cor, deprime-se e nas áreas mais claras (cinza-claro) observam-se os peritécios (pontos negros).

Fonte: Cordeiro & Kimati (1997)

MEDIDAS DE CONTROLE

Exclusão

A exclusão consiste na regulamentação ou proibição do trânsito de materiais botânicos que possam introduzir o patógeno.

Tratos culturais

Uma vez constatada a doença, pode-se fazer o controle eliminando as folhas atacadas ou parte delas, além das plantas daninhas. Essa prática, realizada de forma adequada permite o convívio com a doença sem maiores problemas para cultura.

Controle químico

Pulverizações periódicas com fungicidas a base de triazóis e benzimidazóis e/ou óleo mineral (Tabela 2) .

Controle genético

Atualmente, existem algumas variedades que apresentam resistência à doença, dentre elas estão a Yangambi Km 5 ou Caipira (AAA), Thap Maeo (AAB) e PV03-44 (AAB).

TABELA 2. Fungicidas utilizados no controle da sigatoka-negra.

Produtos	Nome comercial	Dosagem i.a/ha	Intervalo entre aplicações
Óleo mineral	OPPA, Spray Oil etc.	12 a 15	2 semanas
Propiconazol + Óleo mineral	Tilt	100 g	4 semanas
Benomil + Óleo mineral	Benlate	140 g	4 semanas
Clorotalonil	Bravo, Daconil	800 a 1600 g	4 semanas

Fonte: Cordeiro (1997a), adaptada pelo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTE, M.J.B.; GONDIM, T.M. de S.; CORDEIRO, Z.J.M.; MATOS, A.P. de; HESSEL, J.L.; SAMPAIO, F.R.V. **Ocorrência da sigatoka negra em dez municípios do Estado do Acre**. Rio Branco: Embrapa Acre, 1999. 2p. (Embrapa Acre. Comunicado Técnico, 107).
- CORDEIRO, Z.J.M. Doenças e nematóides. In: ALVES, E.J.; DANTAS, J.L.L.; SOARES FILHO, W. dos S.; SILVA, S. de O. e et al. **Banana para exportação**: aspectos técnicos da produção. 2.ed.rev.atual. Brasília: MAARA-SDR / Embrapa-SPI, 1997a. p.69-86. (Série Publicações Técnicas FRUPEX, 18).
- CORDEIRO, Z.J.M. Doenças. In: ALVES, E.J., org. **A cultura da banana**: aspectos técnicos, socioeconômicos e agroindustriais. Brasília: Embrapa-SPI; Cruz das Almas: Embrapa-CNPMPF, 1997b. p.353-407.
- CORDEIRO, Z.J.M.; KIMATI, H. Doenças da bananeira (*Musa spp*). In: KIMATI, H.; AMORIM, L.; BERGAMIN FILHO, A.; CAMARGO, L.E.A.; REZENDE, J.A.M. **Manual de Fitopatologia**: doenças das plantas cultivadas. 3.ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1997. v.2, p.112-136.
- CORDEIRO, Z.J.M.; MATOS, A. P. de; SILVA, S. de O. La Sigatoka negra en Brasil. **Infomusa**, v.7, n.1, p.30-31, 1998a.
- CORDEIRO, Z.J.M.; MATOS, A.P. de; OLIVEIRA, S.L. de; SILVA, S. de O. e. **Estratégia para convivência e controle da Sigatoka negra no Brasil**. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 1998b. 6p. Mimeografado.
- PEREIRA, L.V.; CORDEIRO, Z.J.M.; FIGUEIRA, A. dos R.; HINZ, R.H.; MATOS, A.P. de. Doenças da bananeira. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.20, n.196, p.37-47, 1999.

